



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**



**LARA ALDLE MARQUES HORA**

**HISTORIOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INDEPENDÊNCIA  
BRASILEIRA, REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO COMO  
FERRAMENTAS PARA UM ENSINO CRÍTICO**

**MARIANA**  
**Março 2025**

**LARA ALDLE MARQUES HORA**

**HISTORIOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INDEPENDÊNCIA  
BRASILEIRA, REVOLUÇÃO E CONTRARREVOLUÇÃO COMO  
FERRAMENTAS PARA UM ENSINO CRÍTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para conclusão do curso de História.

**Orientadora:** Dra. Andréa Lisly Gonçalves.

**MARIANA**  
**Março 2025**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Lara Aldle Marques Hora

Historiografia na educação básica: Independência brasileira, revolução e contrarrevolução como ferramentas para um ensino crítico

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 10 de abril de 2025

### Membros da banca

Dra. Andréa Lisly Gonçalves - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto  
Dr. Marcelo Santos Abreu - Universidade Federal de Ouro Preto

Andréa Lisly Gonçalves, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/04/25



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Lisly Goncalves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/04/2025, às 09:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0895564** e o código CRC **80033CFA**.

## AGRADECIMENTOS

Ofertas de Aninha  
(Aos moços)

Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo  
muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.  
Não desistir da luta.  
Recomeçar na derrota.  
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos.  
Ser otimista.

Creio numa força imanente  
que vai ligando a família humana  
numa corrente luminosa  
de fraternidade universal.  
Creio na solidariedade humana.  
Creio na superação dos erros  
e angústias do presente.

Acredito nos moços.  
Exalto sua confiança,  
generosidade e idealismo.  
Creio nos milagres da ciência  
e na descoberta de uma profilaxia  
futura dos erros e violências do presente.

Aprendi que mais vale lutar  
Do que recolher dinheiro fácil.  
Antes acreditar do que duvidar.  
-Cora Coralina

A conclusão de minha graduação não somente é o momento de colher os frutos que cultivei com tanto querer e emoção, mas também de agradecer o apoio de todos aqueles que estiveram ao meu lado, os quais nunca poderei expressar toda a gratidão que sinto. Primeiramente, agradeço a Deus pela força e resiliência nos momentos de dúvida. Agradeço ao meu pai Odílio, por ser meu primeiro amigo, meu maior professor e meu patinho no buraco, á minha mãe Elisangela, por ser minha primeira amiga, meu lugar de consolo e exemplo de mulher, obrigada também a minha mãe do coração minha Tia Maria, por ter cuidado tanto de mim, com um amor puro que ninguém no mundo conseguirá jamais se igualar. Obrigada aos meus irmãos por todas as memórias e conselhos que carrego sempre comigo, mas acima de tudo pelos sobrinhos mais legais do mundo, Bruninho, Tuti, Pacotinho e Dudinha, amo muito vocês. E especialmente, ao meu amor, Igor, que fez eu descobrir como amar pode trazer a tona o melhor de mim, minha maior benção é poder realizar meus sonhos ao ser lado e amadurecer a cada dia para ser feliz e viver o nosso felizes para sempre. Sem vocês, família, nada no mundo seria possível.

Obrigada à UFOP, pelo ensino público, gratuito e de excelência, aos meus professores, em especial a Helena Mollo, pela oportunidade de ser monitora e poder, no final do curso, voltar a introdução e ver que caminhada maravilhosa foi a de ter escolhido ser historiadora, à minha orientadora Andrea Lisly, pelas oportunidades de ser bolsista de Iniciação Científica pela PIP/UFOP, de aprendizado e orientações essenciais para minha formação e ambições futuras em minha carreira.

Aos colegas, que tornaram essa trajetória mais leve e enriquecedora, obrigada Ana Laura, por ser minha fada madrinha no ICBS, obrigada Bazita por ser a vó que cuidou de mim em Ouro Preto e obrigada Vicky por ser a irmã do coração que sempre enxugou minhas lágrimas, mas também dividiu muito brigadeiro e me acompanhou em muito rock. Juntos, compartilhamos desafios, conquistas e aprendizados que levaremos para toda a vida.

A cada um de vocês, nunca poderei agradecer o suficiente! Este trabalho é, em parte, fruto de todo o apoio e confiança que recebi. Sim, Fernanda, a vida presta.

## RESUMO

Este estudo propõe investigar a aplicação de práticas de letramento acadêmico no ensino médio, com foco na abordagem histórica da independência do Brasil e na temática da contrarrevolução Miguelista e do exílio político liberal. A pesquisa se propõe a ampliar a compreensão sobre o ensino da independência brasileira, frequentemente centrado em narrativas tradicionais, como a figura de D. Pedro I e o "grito do Ipiranga", explorando o processo sob uma nova historiografia que define a participação de diversas regiões brasileiras (além das influências portuguesas a partir do regime miguelista e suas consequências em Portugal) no processo da Independência. As complexidades políticas e sociais agravaram decisivamente o rompimento com Portugal, onde acontecimentos como a Revolução Pernambucana de 1817, evidenciam os desafios enfrentados na luta por autonomia e a repressão às forças liberais, as quais buscavam contestar o poder centralizado. A análise da contrarrevolução e do exílio político liberal aprofunda essa discussão, destacando como as elites locais no Brasil e em Portugal buscaram preservar estruturas de poder conservadoras, mesmo em um cenário de mudança política, bem como o movimento miguelista em Portugal, por exemplo, gerou um fluxo significativo de exilados para o Brasil, cujas ideias e propostas reformistas frequentemente entraram em conflito com a realidade da monarquia brasileira e sua estrutura elitista.

Desta forma, o foco é a independência sob uma ótica acadêmica recente, após a comemoração do bicentenário, retomando narrativas que estavam em menor evidência e estabelecendo diálogos entre esse letramento vindo do ambiente acadêmico com a BNCC.

**Palavras-Chave:** Letramento acadêmico, ensino médio, independência do Brasil, contrarrevolução, miguelismo, exílio político, historiografia, bicentenário, BNCC, monarquia, elites locais, fluxo de exilados, reformismo político, contexto acadêmico.

## ABSTRACT

This study proposes to investigate the application of academic literacy practices in high school education, focusing on the historical approach to Brazil's independence and the themes of the Miguelist counterrevolution and liberal political exile. The research intends to expand the understanding of the teaching of Brazilian independence, which is often centered on traditional narratives such as the figure of Dom Pedro I and the "Grito do Ipiranga", by exploring the process under a new historiography that defines the participation of various Brazilian regions (in addition to the Portuguese influences from the Miguelist regime and its consequences in Portugal) in the Independence process. The political and social complexities decisively aggravated the break with Portugal, where events such as the Pernambucan Revolution of 1817 point the challenges faced in the struggle for autonomy and the repression of liberal forces, which sought to contest centralized power. The analysis of the counterrevolution and liberal political exile deepens this discussion, emphasizing how local elites in Brazil and Portugal sought to preserve conservative power structures, even in a political context of change, as well as how the Miguelist movement in Portugal, for example, generated a significant flow of exiles to Brazil, whose ideas and reformist proposals frequently clashed with the reality of the Brazilian monarchy and its elitist structure.

Thus, the focus is on independence from a recent academic perspective, following the celebration of the bicentennial, revisiting narratives that were less prominent and establishing dialogues between this academic literacy and the BNCC (National Common Curricular Base).

**Keywords:** Academic literacy, high school, Brazilian independence, counterrevolution, Miguelism, political exile, historiography, bicentennial, BNCC, monarchy, local elites, flow of exiles, political reformism, academic context.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2. ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A BNCC E A TAXONOMIA SOLO</b>	<b>13</b>
2.1. LEITURA E PROPOSTA DE ATIVIDADE:	16
2.2. PROPOSTA DE PLANO DE AULA:	16
<b>3. CONCLUSÃO</b>	<b>21</b>
<b>4. REFERÊNCIAS</b>	<b>23</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Depois de "Depois de aprender com a história"<sup>1</sup>, o que fazer com o passado agora? É a partir do título de Gumbrecht que se pode iniciar um diálogo com "O Perigo de Uma História Única"<sup>2</sup> da escritora nigeriana Chimamanda Adichie. Ambas as obras abordam a questão da história e seu papel na sociedade contemporânea. Embora partam de perspectivas distintas, elas convergem em alguns pontos importantes, como a crítica à narrativa única da história e a defesa da pluralidade de vozes e perspectivas.

Gumbrecht, em seu ensaio, reflete sobre a crise da historicidade, que se caracteriza pelo ceticismo crescente em relação à capacidade da história de ensinar, a qual ele aponta que, na segunda metade do século XX, passou a ser vista como uma ciência falível, incapaz de fornecer verdades absolutas. Isso levou a uma fragmentação, com o surgimento de diversas correntes historiográficas que competem entre si por legitimidade, portanto, diante dessa crise, ele questiona o que fazer com o passado agora, argumentando que, mesmo que a história não possa mais nos ensinar de forma definitiva, ela ainda pode nos ajudar a compreender o presente e a construir o futuro. Já Chimamanda Adichie, em sua palestra, também critica a narrativa única da história, ao enunciar que quando contamos apenas uma história sobre um lugar ou um povo, corremos o risco de criar estereótipos e de desumanizar as pessoas. Isso porque a história única ignora as nuances e as complexidades da realidade, para a autora, é importante contar histórias que possam, dar espaço para as vozes de todos, incluindo as minorias e os grupos marginalizados. Quando fazemos isso, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ou seja, ambos irão criticar a narrativa única da história. Enquanto Gumbrecht irá argumentar que o fascínio pelo passado é uma busca que pode descrever o desenrolar e compreensão dos fatos, Adichie, por sua vez, afirma que a narrativa única cria estereótipos e desumaniza as pessoas. Se unindo na crítica da importância nos alertar para os perigos da homogeneização da historicidade e da historiografia, sob o risco de se perder a riqueza e a diversidade da experiência humana. Ele levanta o questionamento sobre o que se deve fazer com o passado, enquanto ela afirma que a narrativa concede o poder de transformar o presente, através do reconhecimento e do respeito pelas tradições individuais e coletivas, utilizando da história para legitimar o papel, o direito e o respeito humano.

---

<sup>1</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. Depois de "Depois de aprender com a história": o que fazer com o passado agora? In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeí Lopes de. Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 25-42.

<sup>2</sup> Adichie, Chimamanda Ngozi. O Perigo de Uma História Única. TED Talk, 2009.

Pensando em um contexto da educação básica, a estratégia de análise de fontes primárias, a construção de argumentos históricos sobre diferentes perspectivas, promove debates e reflexões críticas entre alunos que podem ser incentivados a questionar narrativas predefinidas e construir sua própria compreensão do passado, em contraponto ao ensino de história tradicional, muitas vezes preso a uma abordagem limitada, é necessário implementar um ensino de história problematizador, que desenvolva habilidades essenciais para a vida em sociedade, como a capacidade de argumentação e a empatia.

O contato direto com documentos, objetos e outros vestígios do passado permite aos alunos uma imersão mais profunda nos eventos históricos, possibilitando uma compreensão mais abrangente de diferentes épocas, além da associação com outras áreas do conhecimento, como a filosofia, a sociologia e a antropologia, que podem oferecer visões diversificadas do passado, além de promover a compreensão das relações entre diferentes aspectos da sociedade, como a política, a economia, a cultura e as relações sociais. O poder pedagógico da experiência de contato com a história, possibilitam a construção de um ensino de história que vai além da mera reprodução de fatos e datas. Um ensino que incentiva o debate, a pesquisa e a interdisciplinaridade, formando cidadãos críticos, que irão aprender com a história, além de serem os agentes ativos que irão romper com a história única.

A historiografia pode desempenhar um papel crucial na construção de conhecimento crítico nas escolas, especialmente ao tratar de temas históricos que descrevem a formação das identidades nacionais. Sob esta leitura, a abordagem de eventos históricos complexos, como a Independência Brasileira, a Revolução do Porto e as ideias de Contrarrevolução, se demonstram como ferramentas para o desenvolvimento do pensamento crítico ao promover a reflexão acerca dos diálogos existentes entre estes processos históricos e suas respectivas sucessões de fatos.

Desta forma, as novas abordagens historiográficas, que estão relacionadas com o cenário pós bicentenário da independência brasileira, podem ser utilizadas como ferramentas para a introdução de novas abordagens e materiais na Educação Básica. A análise das dinâmicas históricas, políticas e sociais do Brasil do século XIX oferece a oportunidade de problematizar a forma como os eventos históricos são apresentados e interpretados no currículo escolar, a fim de estimular nos estudantes uma visão reflexiva sobre a história nacional.

A obra de Jonathan Zotti da Silva<sup>3</sup>, apresenta como o ensino de letramentos acadêmicos na Educação Básica enfatiza o desenvolvimento de habilidades que

---

<sup>3</sup> SILVA, Jonathan Zotti da. Letramentos Acadêmicos na Educação Básica: perspectivas, pesquisas e possibilidades. Natal: Revista do GELNE, Vol. 21-Número 1, 2019. P. 20-31.

potencializam o ensino e a aprendizagem, de forma que, quando conectada ao tema deste trabalho, oferece uma base teórica importante sobre como os letramentos acadêmicos podem ser um instrumento crucial para o ensino de História, particularmente no que tange à análise crítica de eventos históricos complexos como a Independência do Brasil e os conflitos ideológicos que marcaram o século XIX. O autor destaca o conceito de letramento acadêmico além da alfabetização, abrangendo o domínio de habilidades cognitivas e críticas necessárias para a interpretação e produção de textos acadêmicos. No contexto da história, isso implica em ajudar os alunos a desenvolverem a capacidade de analisar fontes históricas, compreender diferentes perspectivas sobre os eventos e reconhecer os múltiplos discursos que compõem a construção de uma narrativa histórica, sugerindo que os professores da Educação Básica podem incentivar os estudantes a questionar, problematizar e refletir sobre os conteúdos, ajudando-os a ir além da memorização de fatos e datas, para um entendimento mais profundo e crítico.

No caso específico da Independência do Brasil, da Revolução e da Contrarrevolução, a abordagem da obra de Silva propõe que, ao se trabalhar essas temáticas com os alunos, é necessário levar em consideração as diferentes fontes e interpretações que formam o conhecimento histórico. Ao invés de apenas apresentar uma narrativa única ou oficial, o ensino de história pode ser aprimorado por meio do acesso de diversas fontes, como documentos históricos, artigos acadêmicos e textos diversos, para que aprendam a interpretá-los de maneira crítica.

Por exemplo, a análise crítica das contradições dentro da Independência do Brasil (que envolvem disputas entre diferentes grupos sociais, como a elite escravocrata, os movimentos republicanos e as elites portuguesas) pode ser trabalhada com os alunos por meio de textos acadêmicos que abordem essas diferentes perspectivas. O letramento acadêmico proporciona ferramentas para que os estudantes reconheçam diferentes visões dos acontecimentos e compreendam as disputas políticas e ideológicas envolvidas. A historiografia que vê a Independência como um processo multifacetado, envolvendo diferentes agentes e disputas internas, como a visão apresentada por Andréa Lisly Gonçalves em “As independências do Brasil e a contrarrevolução.”<sup>4</sup> oferece uma oportunidade para questionar a existência de uma narrativa oficial ao incentivar uma análise de formação do Brasil enquanto nação que possui um conjunto de independências, que não eram homogêneas em distintos aspectos, desde suas origens sociais, até mesmo em relação a objetivos pretendidos. Essa interpretação se afasta da

---

<sup>4</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. As independências do Brasil e a contrarrevolução. In: MACHADO, Kelly Eleutério, FERNANDES, Renata Silva. A independência do Brasil: temas de pesquisa e ensino de história. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. P. 123-144.

ideia de que o Brasil se tornou independente em um movimento unificado, alinhada a proposta de incorporar os letramentos acadêmicos ao currículo da Educação Básica para que os alunos possam assumir a habilidade essencial de analisar e organizar suas compreensões de forma clara e coerente, apresentando suas próprias análises sobre os eventos históricos.

As diferentes abordagens pedagógicas que podem ser adotadas no ensino dos letramentos acadêmicos, ressaltam a importância de uma prática docente que favoreçam a interação dos alunos com textos, debates e análises, que buscam na historiografia não apenas a aprendizagem sobre os eventos históricos, mas que se tornem ativos no processo de construção do conhecimento, questionando as narrativas existentes e oferecendo suas próprias interpretações, além de aprimorar suas habilidades de compreensão e escrita, estabelecendo as exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>5</sup>, documento que orienta o ensino no Brasil e enfatiza a importância de promover competências e habilidades que estimulem a reflexão crítica dos alunos. Nesse sentido, a BNCC propõe que o ensino de História no Ensino Fundamental e Médio não apenas forneça informações sobre os eventos históricos, mas que também promova o entendimento das múltiplas interpretações dos acontecimentos. A análise crítica dos temas históricos, como a Revolução e a Contrarrevolução no Brasil, deve ser vista como uma oportunidade de desenvolvimento de competências cognitivas e reflexivas, que permitam aos alunos perceberem os diferentes elementos que compõem a realidade histórica e suas implicações no presente.

A proposta deste trabalho é, portanto, mostrar como a historiografia sobre a Independência do Brasil, as Revoluções e as Contrarrevoluções, podem ser utilizadas para transformar o ensino de história na Educação Básica, ampliando as perspectivas que estimulem reflexões sobre diferentes contextos históricos, nos quais os alunos possam desenvolver compreensões mais amplas da história do Brasil (a partir das obras de Lisly, também se estabelece diálogo com a leitura acerca do regime Miguelista e a revolução do Porto, que possuem ligações estreitas aos processos contemporâneos no Brasil) e, conseqüentemente, de sua própria identidade nacional que está em formação diante das propostas de uma sociedade mais democrática e plural.

Nesse sentido, o contato direto com fontes primárias, documentos, objetos e outros vestígios do passado possibilita uma imersão mais profunda nos eventos históricos, promovendo uma compreensão mais rica e complexa das diferentes épocas. Além disso, a integração da História com outras áreas do conhecimento, amplia a compreensão das relações entre política, economia, cultura e sociedade, que juntamente com a incorporação dos letramentos acadêmicos na Educação Básica exercita a

---

<sup>5</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

capacidade dos alunos de interpretar, questionar e produzir conhecimento. A história, vista como um processo dialógico e plural, permite que os estudantes se tornem protagonistas do saber histórico. Dessa maneira, ao romper com uma abordagem tradicional e restritiva, o ensino de história se transforma em um espaço de construção coletiva do conhecimento, essencial para a formação de cidadãos participativos na sociedade contemporânea, o que possibilita uma abordagem que auxiliará os estudantes no processo de se ambientarem ao mundo acadêmico e ao mercado de trabalho, pois pode desenvolver a capacidade de compreensão de leitura, a assimilação de conhecimentos e a produção de novos conteúdos de estudo. A educação básica se torna um espaço de formação integral, que prepara jovens para desafios futuros.

## 2. ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: A BNCC E A TAXONOMIA SOLO

A obra “História da Educação Brasileira: Leituras”<sup>6</sup>, de Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (2003), examina as transformações nas políticas educacionais, os diferentes modelos pedagógicos adotados ao longo do tempo e os impactos sociais dessas mudanças no ensino, destacando a influência das instituições religiosas na educação colonial, a transição para um sistema educacional laico no século XIX e as reformas educacionais do século XX, que buscaram expandir o acesso à escola e modernizar o ensino, além de descrever a relação entre educação e desenvolvimento socioeconômico, evidenciando as desigualdades no acesso à educação e a persistência de modelos tradicionais baseados na memorização e na reprodução do conhecimento. A obra enfatiza a necessidade de metodologias mais críticas e reflexivas, que promovam o pensamento autônomo dos alunos, aproximando-se de abordagens contemporâneas que valorizam a interdisciplinaridade e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

No contexto do ensino de História, essa transição é essencial para compreender como os eventos históricos são ensinados nas escolas e como novas abordagens historiográficas podem ser incorporadas à Educação Básica. A proposta de integrar os letramentos acadêmicos ao ensino de História, conforme discutido na análise sobre Jonathan Zotti, dialoga com a necessidade de desenvolver habilidades que permitam analisar fontes históricas, questionar narrativas oficiais e, mais especificamente, neste presente trabalho, interpretar os múltiplos discursos sobre os contextos revolucionários e contrarrevolucionários do século XIX. A taxonomia SOLO, quando relacionada ao pensamento de Hilsdorf, mostra como o ensino da História pode evoluir de uma abordagem tradicional para um modelo mais dinâmico e crítico, permitindo que os alunos avancem do nível de mera reprodução dos fatos históricos para a formulação de interpretações próprias. Dessa forma, o debate sobre a importância da historiografia crítica no ensino de História, reforça a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a construção do conhecimento pelos próprios alunos, tornando-os sujeitos ativos na interpretação da história nacional.

Nesse sentido, a taxonomia SOLO<sup>7</sup> se apresenta como um referencial teórico útil para compreender a progressão do aprendizado dentro desse contexto, fornecendo

---

<sup>6</sup> HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. História da educação brasileira: leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, 135p.

<sup>7</sup> MOLI, Solange Maria; MATOS, Daniel Abud Seabra. Uma análise sobre a taxonomia SOLO: aplicações na avaliação educacional. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae.v30i75.6593>.

subsídios para avaliar a evolução das práticas educacionais, como contraste ao ensino brasileiro que, comumente, se alinha aos níveis mais baixos da taxonomia SOLO (pré-estrutural, uni-estrutural e multi-estrutural), enquanto o avanço das políticas educacionais e a incorporação de metodologias mais reflexivas e críticas, migram para níveis mais elevados de aprendizagem e reprodução do conhecimento (relacional e abstrato-estendido).

Esse processo se torna especialmente relevante quando pensamos na historiografia do ensino da Independência do Brasil e sua abordagem na Educação Básica. A incorporação dos letramentos acadêmicos no ensino de História, conforme discutido anteriormente, permite que os estudantes avancem nos níveis de aprendizado descritos pela taxonomia SOLO, abandonando a simples reprodução de fatos para uma análise crítica dos eventos históricos e de suas múltiplas interpretações, concluindo a participação de movimentos regionais ocorridos em locais e momentos distintos (que também possuíam ideais distintos), mas que se alinham com o processo compreendido como o que realmente foi a independência brasileira, mas também carregam influências de narrativas históricas e políticas mais remotas:

Um ponto importante, que vale a pena reiterar nestas conclusões é o de que a contrarrevolução e seus agentes, no contexto da crise dos impérios modernos de finais do século XVIII e das primeiras décadas do século XIX, foram a outra face do processo revolucionário. Uma segunda conclusão é a de que a contrarrevolução, assim como a revolução, deve ser entendida em perspectiva transnacional e transcontinental, como bem mostrou o exemplo do império pluricontinental luso-brasileiro, aqui abordado.

A conjuntura de 1820, marcada pela Revolução do Porto e pela independência do Brasil, também pode ser interpretada a partir das relações entre revolução e contrarrevolução, o que se nota nos debates e nos embates constituintes, nas iniciativas adotadas pelas Cortes com o objetivo de manter a unida a nação luso brasileira e no próprio processo de independência do Brasil. A abordagem do período da contrarrevolução miguelista e de suas repercussões no Brasil, por sua vez, teve por objetivo apontar como os movimentos revolucionários, que colocaram fim ao antigo regime, estiveram sujeitos a marchas e contramarchas.

Os ecos desse movimento no Brasil, algo que, à primeira vista, parece insólito, mostram como as partes dos impérios ainda se influenciavam reciprocamente, anos após a separação de Brasil e Portugal. Cabe destacar, ainda, como a contrarrevolução acaba por influenciar os rumos da história do liberalismo, condicionando-lhe maior ou menor radicalidade no aprofundamento e consolidação das conquistas constitucionais.<sup>8</sup>

A historiografia pode desempenhar um papel crucial na construção do conhecimento crítico nas escolas, especialmente ao tratar de temas históricos que moldaram a identidade e a formação nacional. Esta proposta de abordagem mais diversificada de eventos históricos complexos, como a Independência Brasileira, que envolveu disputas entre diferentes grupos sociais, como a elite escravocrata, os

---

8

GONÇALVES, Andréa Lisly. As independências do Brasil e a contrarrevolução. In: MACHADO, Kelly Eleutério, FERNANDES, Renata Silva. A independência do Brasil: temas de pesquisa e ensino de história. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. P. 139

republicanos e os interesses coloniais portugueses, a Revolução do Porto e as ideias de Contrarrevolução, se alinham as competências gerais BNCC ao estabelecer diretrizes para um ensino de História que incentive a reflexão crítica, a argumentação e a construção do conhecimento pelos alunos, visando o pensamento crítico e científico, exigindo que os alunos possuam repertório cultural e, portanto, sejam capazes de interpretar diferentes fontes históricas, questionando narrativas tradicionais e compreendendo as múltiplas perspectivas sobre um mesmo evento. Esse tipo de análise evita que a história seja reduzida a um relato linear e fechado, incentivando os estudantes a enxergarem as relações de continuidade e ruptura dentro dos processos históricos.

Além disso, a BNCC valoriza a comunicação e a argumentação como competências fundamentais para o ensino de História, isso significa que os alunos não apenas devem compreender os eventos históricos, mas também ser capazes de expressar suas interpretações de forma clara e bem fundamentada. Nesse sentido, a taxonomia SOLO auxilia na organização dos resultados e na construção do saber a partir do reconhecimento dos fatos para a formulação de argumentos próprios. No nível relacional, por exemplo, espera-se que os alunos consigam estabelecer conexões entre diferentes eventos históricos, identificando padrões e consequências. Já no nível abstrato-estendido, eles devem ser capazes de extrapolar essas análises para outros contextos históricos ou mesmo para a realidade atual. O ensino de História, portanto, não deve ser apenas uma transmissão de informações, mas um espaço de reflexão crítica, no qual os alunos possam interpretar e questionar as narrativas existentes. A competência de interpretar e avaliar fontes históricas, prevista na BNCC, está ligada a proposta e encontra respaldo na taxonomia SOLO. Um estudante que apenas memoriza fatos históricos se encontra no nível pré-estrutural ou uni-estrutural da taxonomia, enquanto aquele que analisa criticamente diferentes versões dos eventos e constrói seu próprio entendimento avança para os níveis superiores.

O letramento acadêmico na Educação Básica enfatiza o desenvolvimento de habilidades que potencializam o ensino e a aprendizagem, a introdução de diferentes fontes e interpretações históricas sobre a Independência do Brasil, como as propostas por Andréa Lisly Gonçalves (2022) em "As independências do Brasil e a contrarrevolução", podem auxiliar os alunos a desenvolverem um pensamento histórico crítico ao reconhecerem as múltiplas camadas de interpretação dos eventos, enquanto um ensino estruturado, pode se organizar a partir da taxonomia SOLO permite que os professores retomem o conhecimento prévio dos estudantes, diagnosticando suas limitações, para que posteriormente possa se estabelecer o ponto de partida de construção de conhecimento, assim introduzindo conteúdos mais densos, como os de

linguagem acadêmica.

Ao final, o uso da taxonomia SOLO não se limita a um objetivo específico, mas sim se demonstra como uma importante ferramenta diagnóstica que irá dinamizar o trabalho de aluno e professor, reforçando a necessidade de uma prática docente que promova a interação dos alunos com textos, debates e análises, para uma aprendizagem histórica mais significativa, na qual os estudantes sejam protagonistas na produção deste panorama de estudos, que é capaz de questionar as narrativas existentes, construir argumentos e aprimorar habilidades de escrita e compreensão histórica.

### **2.1. LEITURA E PROPOSTA DE ATIVIDADE:**

A leitura sobre a Independência do Brasil, Revoluções e Contrarrevoluções pode ser conduzida em sala de aula por meio de metodologias ativas, que promovam a participação dos alunos e incentivem a colaboração dos alunos, tanto lendo, quanto tecendo críticas, para isso, é essencial que a leitura não se limite à decodificação do texto, mas envolva processos de análise, interpretação e debate, permitindo a construção de conhecimento significativo.

Utilizando a Taxonomia SOLO como ferramenta para guiar os níveis de complexidade da aprendizagem, iniciando os alunos ao tema por meio de perguntas orientadoras e leitura exploratória do material, identificando conceitos centrais e eventos históricos principais, sendo essas estruturas pré e uni-estruturais. No nível multi-estrutural, pode-se aprofundar a leitura comparativa de outras fontes de conhecimento, permitindo que os alunos reconheçam conexões entre os processos históricos estudados e seu próprio repertório. Para avançar ao nível relacional, debates, mapas conceituais e análise de fontes primárias ajudam a contextualizar os acontecimentos e identificar relações entre diferentes períodos históricos. Finalmente, no nível abstrato-estendido, espera-se que os alunos sejam capazes de formular hipóteses próprias, comparar diferentes perspectivas historiográficas e aplicar os conhecimentos adquiridos para interpretar eventos históricos atuais.

O uso de textos complementares, documentários e fontes primárias enriquecem a leitura, além disso, a produção de resumos críticos, ensaios reflexivos e apresentações, possibilita aos alunos desenvolverem argumentações e expressarem suas interpretações de maneira estruturada. Assim, ao integrar a leitura historiográfica com a Taxonomia SOLO e estratégias interativas, a sala de aula se torna um espaço dinâmico de construção do conhecimento histórico, incentivando a autonomia dos estudantes e fortalecendo sua capacidade de análise crítica e reflexão sobre o passado e o presente.

### **2.2. PROPOSTA DE PLANO DE AULA:**

A aplicação dos conteúdos abordados acima se sintetiza neste plano de aula sob

o pretexto de abordar as múltiplas independências brasileiras, considerando os contextos políticos, econômicos e sociais que moldaram a emancipação do país. A partir da leitura crítica de textos acadêmicos, do debate em sala de aula e da produção escrita, os alunos serão incentivados a refletir sobre as influências externas e internas que impactaram esse processo, como a Revolução do Porto, o regime miguelista e o exílio dos liberais portugueses. Ao longo das quatro aulas, os estudantes desenvolverão habilidades de análise e argumentação, conectando os movimentos revolucionários brasileiros com o contexto político europeu. A culminação do aprendizado ocorrerá em um debate, permitindo que cada aluno exponha suas percepções e compreenda as múltiplas compreensões da turma sobre as leituras acerca da formação da identidade nacional brasileira a partir do contexto da independência .

A introdução do plano de aula dialoga diretamente com as ideias apresentadas no texto sobre estratégias para o ensino de História na Educação Básica, especialmente no que diz respeito à BNCC e à taxonomia SOLO. Essa abordagem se alinha à necessidade, apontada no texto, de superar a simples memorização de fatos históricos e incentivar uma análise crítica que permita aos estudantes interpretar os múltiplos discursos sobre a emancipação brasileira. Além disso, se estrutura a partir de metodologias ativas, como a leitura crítica, o debate e a produção escrita. Inicialmente, ao reconhecer os eventos históricos, os alunos estão nos níveis pré-estrutural ou uni-estrutural, entretanto, conforme aprofundam suas análises e fazem conexões entre os acontecimentos, avançam para o nível relacional, no qual compreendem os processos históricos de maneira mais ampla. A culminação do aprendizado, por meio de um debate, reflete o nível abstrato-estendido, pois possibilita que os estudantes formulem hipóteses, comparem diferentes interpretações historiográficas e utilizem o conhecimento adquirido para analisar outras realidades.

A proposta de ensino da Independência do Brasil se insere, portanto, na necessidade de integrar os letramentos acadêmicos ao ensino de História, aspecto destacado no texto como essencial para o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos. A utilização da historiografia crítica permite que eles questionem narrativas oficiais e compreendam a independência como um processo complexo, marcado por disputas políticas e sociais. Ao relacionar os movimentos revolucionários e contrarrevolucionários do século XIX com o contexto político europeu, a abordagem proposta reforça a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a construção ativa do conhecimento pelos próprios alunos, demonstrando ao final um panorama de cada turma, a partir de suas compreensões e construções, além de transmitir um campo de conhecimento dinâmico.

<b>DISCIPLINA:</b> História
<b>ANO DE ESCOLARIDADE:</b> 2º do Ensino Médio
<b>DURAÇÃO DE QUATRO AULAS:</b> 3h20 minutos
<b>TÍTULO DA ATIVIDADE:</b> As múltiplas independências brasileira
<b>HABILIDADES ELENCADAS CONFORME A BNCC:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>● (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.</li><li>● (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).</li><li>● (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.</li><li>● (EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).</li></ul>
<b>OBJETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE:</b> <p><b>Objetivo Principal:</b> Investigar a aplicação de práticas de letramento acadêmico no ensino de História, promovendo uma compreensão crítica e aprofundada do processo de independência do Brasil e suas respectivas particularidades.</p> <p><b>Objetivo Específicos:</b></p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Analisar a independência do Brasil sob uma perspectiva que leva em consideração os movimentos regionais de revoluções.</li><li>2. Apresentar o conceito de contrarrevolução a partir da Revolução do Porto e do Regime miguelista, e como se evidenciam as forças conservadoras no processo de</li></ol>

independência do Brasil.

3. Relacionar os processos revolucionários brasileiros com o contexto político europeu, incluindo o exílio político dos liberais portugueses.
4. Desenvolver habilidades de leitura e argumentação crítica a partir do contato com textos acadêmicos.
5. Estimular a pesquisa independente e a produção escrita crítica sobre os temas abordados.

## **METODOLOGIA:**

### **Aula 1: Contextualização Histórica**

1. Apresentação do tema: Independência do Brasil a partir das revoluções regionais;
2. Debate inicial: O que os alunos sabem sobre o processo de independência?
3. Miguelismo em Portugal e sua influência no Brasil: O exílio político de liberais portugueses e sua influência na sociedade brasileira e introdução ao conceito de contrarrevolução e resistência conservadora;

### **Aula 2: Leitura**

1. Leitura coletiva de trechos do texto "As independências do Brasil e a contrarrevolução" (Andréa Lisly Gonçalves);
2. Revisão da aula anterior e levantamento de dúvidas;

### **Aula 3: Orientação para a produção escrita:**

1. Escolha de um movimento de Revolução brasileira (Inconfidência Mineira, Conjuração Baiana, Revolução Pernambucana, Confederação do Equador, Revolução Farroupilha, Sabinada, Cabanagem, Balaiada, Revolta dos Malês, etc);
2. Orientação para se escrever um ensaio escrito a mão que apresente de forma completa (data, local, personagens, acontecimentos e influências) um dos movimentos citados acima, apresentando as resistências enfrentadas por tal e, ao final, seus respectivos desfechos. A finalidade de um trabalho escrito a mão seria a de evitar que se copie diretamente da internet ou de inteligências artificiais, obrigando a leitura e escrita dos conteúdos pesquisados;

### **Aula 4: Debate:**

1. A partir desta aula, é esperado que os alunos se candidatem a falar, caso não haja adesão, pode-se pedir que os colegas indiquem o próximo a apresentar;
2. Eles devem apresentar brevemente seus trabalhos, mesmo que o tema tenha aparecido previamente, para que mais narrativas sejam apresentadas;

3. A intenção é que os alunos conduzam esta aula final, comentando entre si os temas para que cada turma crie conclusões a partir das suas leituras entre colegas, sem formalização e com muita liberdade. Ao final, este momento que contrasta a leitura e escrita formal, com um debate mais informal, é o resultado esperado de se promover nestas abordagens acadêmicas, reconhecimento e naturalidade por parte dos alunos.

**AValiação DA APRENDIZAGEM:**

A avaliação da leitura e do debate final, terão objetivo mais diagnósticos e serão avaliados em conjunto de acordo com a participação da turma. O único momento que serão avaliados individualmente, será a partir de suas produções escritas da aula de número 3.

**RECURSOS DIDÁTICOS NECESSÁRIOS:**

- Texto "As independências do Brasil e a contrarrevolução" de Andréa Lisly Gonçalves;
- Quadro e pinceis;
- Laboratório de informática para pesquisa;
- Sala de Aula disposta em círculo para o momento de debate;
- Caderno, lápis ou caneta.

**REFERÊNCIAS:**

**GONÇALVES, Andréa Lisly.** *As independências do Brasil e a contrarrevolução.* In: MACHADO, Kelly Eleutério, FERNANDES, Renata Silva. *A independência do Brasil: temas de pesquisa e ensino de história.* Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. P. 123-144.

**GONÇALVES, Andréa Lisly; SILVA, Luiz Gustavo Martins da.** *A contrarrevolução miguelista e o exílio político liberal: Portugal e Brasil (1828-1834).* Almanack, Guarulhos, n. 36, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-463336ed30223>.

**SILVA, Jonathan Zotti da.** *Letramentos Acadêmicos na Educação Básica: perspectivas, pesquisas e possibilidades.* Natal: Revista do GELNE, Vol. 21-Número 1, 2019. P. 20-31.

### 3. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a importância da historiografia na educação básica, com ênfase no ensino da Independência Brasileira a partir das perspectivas da revolução e da contrarrevolução. Buscou-se compreender como o ensino de história pode ser um instrumento de formação cidadã e desenvolvimento do pensamento crítico, ao mesmo tempo em que se desafiam as narrativas tradicionais e se exploram diferentes leituras historiográficas sobre o período. Ao abordar como o ensino da Independência do Brasil frequentemente se restringe às figuras de Dom Pedro I e ao "Grito do Ipiranga", se evidencia a necessidade de se ampliar para incluir narrativas que descrevem não somente a existência de múltiplas independências regionais, mas também suas relações com processos revolucionários e contrarrevolucionários que ocorreram simultaneamente no Brasil e em Portugal. Dessa forma, foi possível perceber que a revolução e a contrarrevolução não eram fenômenos opostos e isolados, mas sim processos históricos interdependentes que moldaram as trajetórias políticas dos territórios envolvidos. Além disso, a historiografia crítica evidencia a participação de diversos grupos sociais nesses eventos, ampliando a visão tradicionalmente difundida de que a independência foi um processo homogêneo e centralizado.

O estudo buscou ressaltar os benefícios buscados a partir da inserção do letramento acadêmico na educação básica, garantindo que alunos tenham acesso a fontes e leituras voltadas para abordagens historiográficas mais amplas e fundamentadas. Ao trabalhar com fontes primárias, textos acadêmicos e debates, os estudantes são estimulados a questionar as versões oficiais e a construir suas próprias interpretações dos fatos históricos. Tal abordagem se alinha às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância da argumentação, do pensamento crítico e da análise de diferentes fontes no ensino de história. Assim, os alunos deixam de ser apenas receptores de informações para se tornarem sujeitos ativos na construção do conhecimento histórico.

A adoção de um ensino mais problematizador permite que os estudantes reconheçam a pluralidade de agentes históricos envolvidos no processo de independência, indo além das narrativas heroicas e dos discursos oficiais. A Revolução do Porto, o regime miguelista e o exílio político dos liberais portugueses, por exemplo, influenciaram diretamente os rumos políticos do Brasil, sendo aspectos que, muitas vezes, não são devidamente abordados em sala de aula. A inclusão dessas temáticas no currículo escolar contribui para uma compreensão mais ampla da complexidade dos processos históricos e de como diferentes atores sociais, tanto no Brasil quanto em Portugal, participaram da construção do cenário político e social da época.

A proposta de ensino apresentada reforça a importância do uso da taxonomia SOLO como ferramenta para estruturar os níveis de aprendizagem histórica, permitindo uma evolução gradativa na compreensão dos conteúdos por parte dos alunos. Esse modelo favorece a transição da simples memorização de fatos para a elaboração de argumentos complexos e bem fundamentados, tornando o ensino de história mais dinâmico e significativo. A partir desse modelo, os alunos são incentivados a estabelecer relações entre os diferentes acontecimentos, compreendendo as continuidades e rupturas dentro da historiografia da independência brasileira.

Além disso, a pesquisa também enfatizou como o ensino de história, quando baseado em uma abordagem interdisciplinar, permite que os alunos façam conexões com outras áreas do conhecimento. Essas conexões possibilitam uma compreensão mais rica dos processos históricos e de como eles se relacionam com as questões sociais, políticas e culturais do presente. A análise dos fluxos de exilados políticos e suas influências no Brasil, por exemplo, demonstra como os processos históricos são dinâmicos e interligados, contribuindo para um entendimento mais profundo da construção do Estado brasileiro e das disputas políticas que marcaram sua formação.

Portanto, este trabalho reforça a necessidade de repensar a forma como os conteúdos históricos são ensinados nas escolas, buscando estratégias que promovam um ensino plural, crítico e conectado às discussões acadêmicas contemporâneas. A história, ao ser apresentada de maneira mais problematizadora, permite que os alunos compreendam a complexidade dos processos históricos, desenvolvam habilidades de leitura e escrita acadêmica e se tornem protagonistas na construção do conhecimento histórico. Assim, contribui-se para a formação de cidadãos mais conscientes, capazes de interpretar criticamente o passado e refletir sobre suas implicações no presente e no futuro. Em suma, a pesquisa discute como a inserção de novas perspectivas historiográficas e metodológicas no ensino de história podem transformar a maneira como os alunos percebem a independência brasileira. Ao estimular o pensamento crítico e a análise aprofundada dos eventos históricos, os estudantes passam a compreender a história como um campo dinâmico e em constante debate, e não apenas como um conjunto de fatos imutáveis. Dessa forma, o ensino de história cumpre seu papel social e educativo, preparando os alunos para uma participação mais ativa na sociedade e para a construção de um pensamento reflexivo que contribua para a formação de uma cidadania plena e democrática.

#### 4. REFERÊNCIAS

**Adichie, Chimamanda Ngozi.** *O Perigo de Uma História Única*. TED Talk, 2009.

**GUMBRECHT, Hans Ulrich.** *Depois de “Depois de aprender com a história”: o que fazer com o passado agora?* In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdeci Lopes de. *Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. p. 25-42.

**GONÇALVES, Andréa Lisly; SILVA, Luiz Gustavo Martins da.** *A contrarrevolução miguelista e o exílio político liberal: Portugal e Brasil (1828-1834)*. Almanack, Guarulhos, n. 36, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2236-463336ed30223>.

**GONÇALVES, Andréa Lisly.** *As independências do Brasil e a contrarrevolução*. In: MACHADO, Kelly Eleutério, FERNANDES, Renata Silva. *A independência do Brasil: temas de pesquisa e ensino de história*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. P. 123-144.

**SILVA, Jonathan Zotti da.** *Letramentos Acadêmicos na Educação Básica: perspectivas, pesquisas e possibilidades*. Natal: Revista do GELNE, Vol. 21-Número 1, 2019. P. 20-31.

**BRASIL.** Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*.

**HILSDORF, Maria Lúcia Spedo.** *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003, p. 135

**MOLI, Solange Maria; MATOS, Daniel Abud Seabra.** *Uma análise sobre a taxonomia SOLO: aplicações na avaliação educacional*. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae.v30i75.6593>.